

2020

PESQUISA EM JORNALISMO E DEMOCRACIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ORGANIZAÇÃO:
MARCOS PAULO DA SILVA
ALCIANE BACCIN
LAURA STORCH

**PESQUISA EM JORNALISMO E DEMOCRACIA
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Marcos Paulo da Silva
Alciane Baccin
Laura Storch**

PESQUISA EM JORNALISMO E DEMOCRACIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Edição 01

**Brasília, Brasil
SBPJor
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pesquisa em jornalismo e democracia em tempos de
pandemia [livro eletrônico] / organização
Marcos Paulo da Silva, Alciane Baccin, Laura
Storch. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Sbpjor, 2021.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88995-01-3

1. Cidadania 2. Comunicação de massa 3. COVID-19 -
Pandemia 4. Democracia - Brasil 5. Jornalismo
6. Jornalismo - Aspectos sociais 7. Pesquisa
I. Silva, Marcos Paulo da. II. Baccin, Alciane.
III. Storch, Laura.

21-87695

CDD-070.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo e democracia 070.4

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

GESTÃO 2019-2021

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: **Marcos Paulo Silva** (UFSM)

Vice-Presidente: **Danilo Rothberg** (UNESP)

Diretora Administrativa: **Laura Storch** (UFSM)

Diretor Científico: **Rafael Bellan** (UFES)

Diretora Editorial: **Alciane Baccin** (UNIPAMPA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Temer (UFG)

Beatriz Alcaraz Marocco (Unisinos)

Fernando Firmino (UEPB)

Lia Seixas (UFBA)

Paula Melani Rocha (UEPG)

Rita Paulino (UFSC)

Roseli Figaro (USP)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Claudia Nonato (CPCT-ECA/USP)

Mateus Yuri Passos (UMESP)

Vitor Curvelo Fontes Belém (UFS)

EDITORAÇÃO GRÁFICA E DIAGRAMAÇÃO

Tuãne Araújo (UNIPAMPA)

SUMÁRIO

I | O ensino e a pesquisa em jornalismo em tempos de ameaça à democracia

9 Apresentação

Sobre resiliência e afeto

Marcos Paulo da Silva
Alciane Baccin
Laura Storch

17 Posjor

A pós-graduação no primeiro ano da peste

Rogério Christofoletti
Cíntia Xavier

12 Conferência de abertura

Pesquisa em jornalismo e democracia em tempos de pandemia

Susanne Fengler

26 JPJor

10 anos do JPJOR

Vitor Belém
Alciane Baccin

II | O Prêmio Adelman Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo

33 Panorama

PAGF 2020: participação expressiva em cenário de incertezas e excepcionalidades

Marli dos Santos

75 Doutorado

Precarização social do trabalho e a desespecialização do labor jornalístico

Janara Nicoletti

41 Pesquisadora Sênior

A pesquisa em Jornalismo: prática e ensino na construção do conhecimento e dos afetos

Sonia Virginia Moreira
Heloiza Herscovitz
Rosental Calmon Alves
Marli dos Santos

99 Mestrado

Jornalismo Live Streaming: histórico, proposições e desafios das notícias em tempo real

Alexandro Mota

56 Pesquisa Aplicada

#JORConvergente: uma experiência com a tecnologia Progressive Web Apps (PWA)

Rita de Cássia Romeiro Paulino
Cárlida Emerim
Valci Regina Mousquer Zuculoto
Flávia Garcia Guidotti

120 Iniciação Científica

Quem são as mulheres em Claudia? Os sentidos no discurso da revista feminina ao longo de uma década (2009-2019)

Amanda Regina Rosa
Daiane Bertasso

III | Relatos das Redes de Pesquisa da SBPJor

140 Rede Renoi

**Transparência, democracia,
violência contra jornalistas,
desinformação, fake news e
Covid-19**

Rafiza Varão
Fernando Oliveira Paulino

166 Rede Renami

**Estímulo à produção de
pesquisas sobre
narrativas midiáticas**

Demétrio de Azeredo Soster
Fabiana Piccinin
Mara Rovida
Marta R. Maia
Mateus Yuri Passos

147 Rede Retij

**A pandemia e a
impossibilidade do
presencial**

Edgard Patrício
Janaína Visibeli

174 Rede Telejor

**15 anos da Rede: a potência
do telejornalismo na
diversidade das telas**

Cárlida Emerim
Ariane Carla Pereira

158 Rede JorTec

**Investigação em jornalismo
digital e os desafios de uma
sociedade dos algoritmos**

Adriana Barsotti
Elaide Martins
Laura Storch
Marcelo Barcelos
Raquel Longhi
Rita Paulino

183 Rede Radiojor

**2020, o primeiro ano do
resto das nossas vidas – A
institucionalização
da Radiojor**

Valci Zuculoto
Marcelo Kischinhevsky

Jornalismo Live Streaming: histórico, proposições e desafios das notícias em tempo real nas mídias sociais

Alexandro Mota¹

INTRODUÇÃO

As tecnologias são, historicamente, aliadas dos jornalistas nos esforços de redução do tempo entre a apuração dos fatos e sua veiculação. Foi assim com as máquinas de impressão, com a chegada do transistor e das estações móveis no rádio, com a televisão que surge já com transmissão direta, mas também com o videotape e o mochilink e a viabilidade de gravação de imagens no local dos acontecimentos, além da comunicação por satélite, a internet móvel, os smartphones. Até a já superada ameaça de substituição de um meio por outro passava pela bravata de uma capacidade de entrega mais rápida. A ambição do furo jornalístico, do noticiário em primeira mão, o fetiche da atualização contínua ou mesmo a banalização do “urgente” nas postagens de mídias sociais são aspectos da cultura jornalística que nos ajudam a entender parte das apropriações sociais que as redações fazem da tecnologia para narrar, no ato, o tempo presente. Tomando a atualidade como um valor central do campo (GROTH, 2011), e na intersecção de aspectos sociotécnicos, organizacionais e da cultura profissional, discutiremos, aqui, o uso de tecnologias live streaming no jornalismo contemporâneo.

Nos primeiros meses da pandemia por Covid-19, o termo live teve saltos de interesse nas buscas do Google, o que é um indicador de uma popularização de parte do fenômeno que estudaremos neste capítulo ou, como acreditamos, de um movimento de saída de um uso de nichos (gamers, religiosos e os próprios consumidores de notícias em mídias sociais, por exemplo) para algo mais próximo de massivo. Na experiência da pandemia, ficou claro que o setor de entretenimento, principalmente grandes nomes da música internacional, foi responsável por tal popularização. No entanto, as lives como conhecemos hoje, inseridas no contexto das mídias sociais, passaram a ser um recurso digno de nota nas redações brasileiras desde o final de

¹ Jornalista, mestre e doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisador do GJOL – Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line. Em 2020, venceu o Prêmio Adelmano Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo pela dissertação *Jornalismo Live Streaming: Um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no Facebook*, orientada pelo professor Marcos Silva Palacios. E-mail: alexandro.ms@gmail.com.

2015², mas principalmente a partir de 2016. Muitos dos jornalistas e redações chegaram em 2020, com esse novo ‘boom’ das transmissões ao vivo na internet, então, com experiência nesse formato, saindo de um cenário inicial de um uso experimental, aperiódico, muitas das vezes sem planejamento para uma maior familiaridade com o recurso.

Esse contexto especial para o *live streaming*, de popularidade e amadurecimento, mas também de promessas com o avanço da tecnologia 5G, parece-nos uma oportunidade de revisitar e refletir sobre a relação do jornalismo com este fenômeno, o que faremos com base em nossos estudos do tema desde 2016 e cujo principal produto foi a dissertação *Jornalismo Live Streaming: Um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no Facebook*, defendida em 2019 no programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia e contemplada com o Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo. Neste capítulo, escolhemos não detalhar a parte empírica da pesquisa para expor uma elaboração teórica, centrada na atualização na noção de Jornalismo *Live Streaming*, inicialmente proposta pelo pesquisador Fernando Firmino da Silva (2008).

Apresentamos, inicialmente, os contornos históricos mais gerais sobre a tecnologia *live streaming* e a situamos como um fenômeno das mídias sociais, seguido do diálogo com as proposições do texto que consideramos seminal para o entendimento da relação dessa tecnologia com o jornalismo. Neste mesmo tópico, temos a nossa proposta de atualização da noção de Jornalismo *Live Streaming*, listando o que consideramos ser seus principais desafios metodológicos. Levantamos, na seção seguinte, como pesquisas recentes problematizam nossa proposição, concluindo com um esforço de pensar o futuro através de oportunidades de novas pesquisas, usos e apropriações do *live streaming* na indústria de mídia.

TECNOLOGIA, STREAMING E JORNALISMO

As *lives* hoje são popularizadas em diferentes mercados e são facilmente reconhecidas como um formato nativo dos ambientes de mídias sociais. Primeiro, cabe-nos entender do que, materialmente, estamos falando. O *streaming* diz respeito ao modo de entrega da mídia, que ocorre em fluxo, em pequenos “pacotes”, sem a necessidade do *download* prévio e completo para que seja consumida. *Live* designa que esse fluxo será entregue conforme for produzido, ou seja, ao vivo. *Live streaming*, então, vem sendo usado

² A cobertura da Revista Veja das eleições na Venezuela entre os dias 5 e 7 de dezembro de 2015, foi a primeira live no Facebook entre as páginas de mídia brasileiras. A cobertura no Facebook teve quatro transmissões. Sendo elas:

- 1) [fb.com/veja/videos/10153595262085617](https://www.facebook.com/veja/videos/10153595262085617)
- 2) [fb.com/veja/videos/10153596902145617/](https://www.facebook.com/veja/videos/10153596902145617/)
- 3) [fb.com/veja/videos/10153597213685617/](https://www.facebook.com/veja/videos/10153597213685617/)
- 4) [fb.com/veja/videos/10153597974195617/](https://www.facebook.com/veja/videos/10153597974195617/).

Acesso em: 13 maio 2021.

para apelar a transmissão ao vivo na internet – não necessariamente de vídeo, mas principalmente. O mercado de tecnologia, mais recentemente, apresenta novas nomenclaturas para esse fenômeno, tais como *Mobile Streaming Video Technologies*, *Video Live-streaming*, *Social Streaming* e *Social Media Live Streaming*.

Os termos acessórios à *streaming* e à *live* nas terminologias acima são indícios de que não estamos diante de uma possibilidade técnica nova, mas remodelada por novas condições. Eles sugerem que a mobilidade (com direta associação, aqui, aos *smartphones*) e principalmente o caráter social dessa experiência são marcadores que diferenciam fases dessa tecnologia. Tal caráter se expressa nos *reactions*, comentários e, em geral, na intervenção do público naquilo que está sendo construído, sempre em rede e com alta sincronicidade. Antes de argumentarmos sobre como, pontualmente, o jornalismo se apropriou de tais tecnologias agregando novos aspectos narrativos e deontológicos às suas práticas, recuperaremos alguns eventos e ponderações que nos ajudam a reforçar: as lives – como popularmente conhecemos – se distinguem pela camada de rede social que se junta a uma tecnologia que não é nova na história da internet

O *streaming* de vídeo é possível desde a década de 1990, e serviços corporativos de vídeo conferências são bons exemplos disso. Pensando em uma “*live musical*”, usando os termos dos nossos tempos, a primeira delas ocorreu em 1993 e foi protagonizada por uma banda de rock da Califórnia, Severe Tire Damage, formada por profissionais da área de tecnologia (SAVETZ; RANDALL; LEPAGE, 1998). Em 1995, a empresa RealNetworks ascendeu por serviços e melhorias de *streaming* de vídeo. No dia 14 de dezembro de 1996, pela primeira vez no Brasil, uma música foi lançada e transmitida em tempo real pela web. A ideia foi da produtora Flora Gil e a música, de Gilberto Gil, chama-se “Pela Internet”. O Ustream foi lançado em 2007, já popular como ferramenta de comunicação por vídeo utilizada por soldados americanos que serviam no Iraque ou no Afeganistão para comunicação com seus familiares. Em 2008, Microsoft e NBC se juntaram para transmitir pela internet os Jogos Olímpicos de Verão por duas semanas. A primeira menção ao Facebook Live foi em 2010 – na época, tratava-se do uso do serviço da empresa Livestream para transmissões de eventos institucionais na rede social.

Recuperamos parte do histórico¹ levantado em nossa pesquisa (MOTA, 2019) para afastar a embalagem novidadeira frequentemente associada às transmissões no contexto das plataformas de mídias sociais. Feita essa introdução, podemos acrescentar novos fatores ao desenvolvimento desse mercado. O primeiro, é a ampla base de usuários que as empresas de mídias sociais possuem, uma comunidade familiarizada com a interface e lógicas de interação dessas ambiências e incentivada para

³ Nossa pesquisa registrou em uma linha do tempo os principais fatos das transmissões de vídeo ao vivo nas redes sociais. Disponível em: time.graphics/pt/line/155477. Também alimentamos uma hashtag (#AoVivoNoOnline) no Twitter com informações relacionadas à pesquisa e ao tema do ao vivo em redes sociais de um modo geral. Disponível em: twitter.com/hashtag/AoVivoNoOnline?f=live.

a testagem de novos recursos. Esse aspecto é reforçado por Bradshaw (2014) em um texto em que reflete sobre os impactos da noção de instantaneidade no consumo, produção e distribuição de notícias a partir das redes:

‘Tempo real’ não é propriamente um novo desenvolvimento. Já era possível assistir vídeo livestream a partir de um telemóvel anos antes de o Twitter ter sido inventado. A questão estava no fato de os usuários estarem presentes num website em particular. O que o Twitter e o Facebook adicionaram foi a infraestrutura de distribuição: a possibilidade para que aqueles livestreams, imagens, livros-áudio e textos fossem entregues a centenas de milhões de usuários. É neste ponto que a principal vantagem competitiva do publishing (jornalismo) tradicional está sendo desafiada. (BRADSHAW, 2014, p. 113 114).

Outro aspecto associado a esse primeiro é o contexto da plataformização em que o fenômeno está inserido, o que toca nas políticas de governança dessas empresas de mídias sociais. Podemos ilustrar isso com o movimento de transferência de credibilidade e de “novidade” que houve quando grandes corporações apostaram no mercado das *lives*, o que foi percebido por Edelman (2016) quando o Twitter adquiriu o ainda em desenvolvimento Periscope de uma *startup* para enfrentar a ascensão do serviço de *live streaming* Meerkat (um desses aplicativos que tentam enfrentar o domínio das gigantes e que costumam ter finais previsíveis – incorporação aos serviços das *Big Fives* ou a asfixia, o Meerkat seguiu este último caminho).

Outros movimentos comerciais anteriores reforçam essa ideia. Em 2011, o Skype comprou a *startup* de vídeo Qik, que desde 2007 apostava em compartilhamento de vídeo ao vivo por celulares (um dos primeiros serviços do tipo). Em 2014, em uma operação financeira vultosa, a Amazon comprou o Twitch (antes chamado de Justin.tv), tornando-se um dos primeiros sucessos de popularidade do *live streaming* com transmissão de jogos. Aqui, a lógica do “siga o dinheiro” faz sentido e ajuda a desmistificar, inclusive, uma ideia de um desenvolvimento natural de ecossistema midiático que passa a eleger como tendência uma ou outra forma de comunicação.

Uma pesquisa publicada pela *New Media & Society* (REIN; VENTURINI, 2018) sobre o *social streaming*, que toma como caso de estudo o Facebook Live, demonstrou que o sucesso das *lives* com a entrada do Facebook no mercado foi artificialmente inflado por direcionamentos algorítmicos (impulsão nos *feeds*) e investimento financeiro (parceria com grandes empresas de mídia). Este segundo fator – o pagamento para criadores de conteúdo usarem seus recursos, inclusive, era até então inédito nas ações de marketing do Facebook e criou uma rivalidade na indústria de mídia. Pequenas e médias empresas de jornalismo e de mídia apostaram nas *lives* por conta das iniciais altas taxas de engajamento do recurso e se espelhando em grandes empresas, que, por sua vez, estavam sendo pagas para transmitirem pelo Facebook Live.

Importante sublinhar que a adoção das *lives* pelas redações, e pelos usuários de mídias sociais de um modo geral, não pode ser vista com o simplismo de pura ação de marketing. O ‘boom’ mais recente das *lives*, no contexto da pandemia por Covid-19, demonstra que tecnologia e cultura se movimentam por impulsos sociais e culturais mais amplos. É importante também lembrar, como outro momento de popularidade do ao vivo na internet, os protestos de rua a partir de 2010, como a fama do aplicativo Bambusers durante a Primavera Árabe; com os movimentos Occupy (EUA) e 15-M (Espanha), em 2011; em 2013, a criação do Mídia Ninja e outros coletivos de jornalismo independente com o uso assíduo do Twitcasting.tv durante as Jornadas de Junho (Brasil), além da exploração do ao vivo pela internet, no mesmo ano, durante a EuroMaidan (Ucrânia). Tratam-se de movimentos com presença forte de transmissão de vídeos das ruas por populares, algumas delas inclusive como contranarrativa das coberturas do jornalismo profissional (MONTERDE; POSTILL, 2013; BECKER; MACHADO, 2014; D’ANDRÉA, 2015; KHARIF, 2015; ORLOVA, 2016).

Até aqui, entendemos que as transmissões de vídeo ao vivo não são necessariamente um fenômeno novo, mas ampliado e remodelado socialmente. Além disso, destacamos a necessidade de ser observado como um fenômeno inserido no contexto da plataformização (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018; D’ANDRÉA, 2020), o que inclui aspectos comerciais próprios e a perda do controle de seus fluxos informacionais pelos veículos de mídia. Usados para pensar o jornalismo, essas duas premissas nos conduzem à outra: os jornalistas embarcaram no ao vivo na internet, inicialmente, com uma gramática e uma bagagem própria do fazer televisivo e seu modo de produzir transmissões diretas, especialmente com a influência dos canais *all news*, o que vai reverberar em muitas marcas televisivas possíveis de serem verificadas na produção de jornalistas nas mídias sociais, mas também cedem em partes às demandas das redes, especialmente por privilegiar *soft news* e fazer um maior esforço de incorporação das interações do público.

Apesar dessa referência inicial, as *lives* jornalísticas vão se diferenciar da produção televisiva (MOTA, 2018), principalmente pelo modo como os repórteres realizam constantes negociações técnicas com seus interlocutores durante as transmissões sobre enquadramentos e qualidade da imagem, som e conexão com a internet; como utilizam de uma estética amadora que valoriza a informação; por esses profissionais terem uma performatividade própria por não serem, em geral, familiarizados ao vídeo; além da própria condição de produção, por operarem como uma espécie de “híbrido repórter-celular” (GUIMARÃES, 2017, p. 71).

No contexto brasileiro, os usos mais frequentes que observamos do uso de *lives* por redações foram: transmissão em tempo real de acontecimentos *in loco*, transmissão de eventos (em geral, meramente transpositivo), entrevistas (bastante frequente e que se intensificaram no período da pandemia), resumos dos acontecimentos do dia (uma espécie de boletim de notícias), “programas”

temáticos (algo próximo de uma “mesa redonda”, com forte presença da participação dos usuários com opiniões), além de frequentes *lives* com bastidores das rotinas nas redações ou em apurações.

Vale ressaltar que o *live streaming* foi apropriado pelo jornalismo brasileiro principalmente para narrativas baseadas no tempo atual⁴, ou seja, para atualização no ao vivo de acontecimentos passados. As *lives* no contexto de coberturas de rua/tempo real pelas redações, em geral, são pontuais, mesmo antes da pandemia. Essa tendência guarda relação com o profissional multitarefa, que algumas vezes não se sente incentivado a acrescentar mais uma responsabilidade à cobertura, o que também se vincula, em geral, a uma falta de investimento das redações.

[...] Coletivos independentes de jornalismo, como o Mídia Ninja e Jornalistas Livres, em relação ao jornalismo tradicional, apropriaram-se com maior rapidez e maior dedicação desses recursos de transmissão ao vivo pela internet. Inclusive, ao que nos parece, a atuação [antecipada] dos jornalistas independentes serve como [uma espécie de] “denúncia” da falta de investimento em equipamentos e planos de dados por parte das empresas de jornalismo impresso e online, que só passam a usar tais ferramentas muito depois, e ainda em condições limitadas ou subordinados às redações. (MOTA, 2019, p. 174).

Ao mapear a experiência brasileira com o uso pontualmente do Facebook Live, entre 2015 e 2018, constatamos que o recurso foi usado no período, pelo menos uma vez, por 81% das fanpages de empresas de jornalismo, sendo um fenômeno nacional. Os veículos nativos digitais aderiram mais rapidamente ao recurso, enquanto as emissoras de TV resistiram. A chegada das *lives* freou, percentualmente, o crescimento de postagem de vídeos gravados, o que reforça que, também na experiência brasileira, as promessas de maior alcance das páginas com o recurso foram um atrativo. Constatamos que os usuários comentam cinco vezes mais um vídeo transmitido ao vivo do que uma postagem de vídeo “tradicional”. O mapeamento, detalhado em nossa pesquisa (MOTA, 2019), baseou-se em banco de metadados de 235 mil vídeos produzidos por pouco mais de duas centenas de organizações com presença no Facebook, incluindo as principais emissoras de TV, os principais veículos nativos digitais e as empresas de jornalismo impresso de todos os estados brasileiros.

A análise detida da produção de transmissões ao vivo no Facebook e as entrevistas com profissionais de seis redações brasileiras⁵ nos exigem advertir que as *lives* não são vistas como produções prioritárias ou como centrais nas rotinas produtivas, mas que costumam se justificar como um formato direcionado ao engajamento e por seu potencial, no caso da cobertura de rua, de produzir imagens de impacto ou exclusivas. As *lives* vêm servindo, ainda, como um elemento de

⁴ Em oposição à noção de tempo real. Fachine (2008) diferencia o que chama de tempo atual virtualizado (um ao vivo para noticiar algo que já ocorreu, geralmente no local do acontecimento, entra nessa categoria) do tempo real virtualizado (quando é feita a transmissão de um acontecimento no momento em que se transmite).

⁵ A saber: Bahia Notícias (BA), Correio (BA), Folha de S. Paulo (SP), Gazeta do Povo (PR), iBahia (BA) e O Globo (RJ).

humanização de repórteres cuja identidade limitava-se às assinaturas das matérias; como uma ação de maior transparência das redações; além de serem capaz de gerar novos fluxos comunicativos – em muitos dos casos, por exemplo, os “retornos” dos repórteres nas ruas, frequentemente repassados às redações por troca de mensagens ou por ligação telefônica, eram feitos ao vivo nas mídias sociais, diretamente para o público ao mesmo tempo que serve para atualização das reportagens em construção nos sites.

Tendo introduzido esses aspectos mais gerais da tecnologia e das apropriações pelas redações, podemos avançar no entendimento sobre o que queremos dizer quando nos referimos a *Jornalismo Live Streaming*.

O QUE É O JORNALISMO LIVE STREAMING

O primeiro emprego da expressão *Jornalismo Live Streaming* foi em um artigo do professor Fernando Firmino da Silva (2008) publicado nos anais do VI Encontro Nacional da SBPJOR. O título da comunicação é *Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano* e tem como principal contribuição a identificação de um novo patamar de instantaneidade nos processos de difusão e produção nas redações brasileiras. Os exemplos usados na argumentação do autor incluíam transmissão de vídeos ao vivo pela internet, ainda fora da lógica dos Sites de Redes Sociais⁶, ao lado do uso de tweets em tempo real na programação da TV e dos repórteres de imagem de redações convergentes que alimentavam, da rua com o uso de notebooks, galerias nos sites das organizações.

De saída, é importante situar que, ao convocarmos a ideia de *Jornalismo Live Streaming*, não estamos propondo um conceito, um gênero ou um tipo de jornalismo. Antes, entendemos que se trata de uma noção que nos ajuda a demarcar as condições de produções e consumo de notícias de uma época através do uso potencial de ferramentas específicas que abraça os atravessamentos sociotécnicos do fazer jornalismo no presente. *Jornalismo Live Streaming* evoca o impositivo das plataformas de mídias sociais, com implicações variadas, entre elas a redução da autonomia das redações em relação à circulação de suas produções; lança luz sobre as condições de uma instantaneidade intensiva no fazer jornalístico e de uma alta visibilidade e importância das interações dos usuários nas engrenagens de consumo e circulação das notícias. Embora consideremos um texto seminal, Silva (2008) não postulou propriamente o que é o *Jornalismo Live Streaming*. O autor descreveu cenas e contextos que, nossa leitura uma década à frente, permite tais inferências iniciais.

Retornando ao referido texto, os exemplos trazidos pelo autor lançava luz sobre mudanças estruturais, como a perda de exclusividade das transmissões em tempo real por parte das rádios e TVs, complexificando a relação entre mídia de massa e mídia de funções pós-massivas; a mudança

⁶ Nos exemplos de Silva (2008) há dois usos de transmissão de vídeo, um com tecnologia 3G para entradas ao vivo na própria televisão e o do Jornal NH Online, que já transmitia reportagem ao vivo na internet através do site Qik.

de rotinas profissionais, passando por alterações na própria noticiabilidade com fortalecimento do critério de localismo; além do desaparecimento do *deadline*, que também inspirou a aplicação da sátira expressão *deadline* contínuo. As ferramentas de *streaming* e os *smartphones* já eram apresentadas como potenciais refinadores da prática jornalística. Em 2008, o autor já justificava a necessidade de entender a incorporação de ferramentas *live streaming* na rotina profissional dos jornalistas como forma de permitir “um enquadramento conceitual do próprio futuro do jornalismo num ambiente de convergência e de digitalização midiática” (SILVA, 2008, p. 1).

Justificamos, então, que a necessidade da atualização da ideia do Jornalismo *live streaming* em Silva (2008) não ocorre pela obsolescência de suas proposições, mas pela potencialização delas em um novo ambiente.

Olhamos para um objeto que se insere em um ambiente de redução do tamanho e do peso dos equipamentos de captura de imagens, de avanços na digitalização dos processos de edição, do robustecimento de base de dados digitais, de melhores condições de conectividade e de saltos na qualidade da transmissão via internet e, principalmente, de barateamento da produção de vídeos até mesmo através de *smartphones* (o que vem significando não somente economia de equipamentos, mas também o enxugamento de equipes). Em detrimento de custosas horas de voos de helicópteros, drones equipados com câmeras conectadas à internet; em vez de furgões adaptados como Unidades de Transmissão de TV, aplicativos de celulares. Todas essas considerações potencializaram as proposições de Silva (2008) sobre as propriedades do localismo e da instantaneidade intensiva como agentes de mudanças na rotina dos jornalistas. (MOTA, 2019, p. 31).

Como ilustramos inicialmente, outro aspecto que potencializa a noção de Jornalismo *Live Streaming* é o fato de a entrada do Facebook, Twitter, Amazon e Google no *live streaming* ter reconfigurado o mercado e suas lógicas de distribuição e consumo. Além disso, a transmissão ao vivo de vídeo não só saiu do domínio exclusivo do *broadcasting*, como apontava Silva (2008), mas esse movimento avançou para uma popularizou geral do recurso – com um celular conectado, praticamente qualquer pessoa pode transmitir ao vivo. No jornalismo, pontualmente, a apropriação dessas tecnologias permite novas dinâmicas de contato entre produtores e consumidores de notícias (MOTA; PALACIOS, 2018), que sofre de forma direta a ação de valores culturais dos nossos tempos. São exemplos desses valores da atualidade o “eu”, o “aqui” e o “agora”, descrito por Aguiar e Barsotti (2016) como grandes influenciadores das práticas jornalísticas na contemporaneidade e que conseguimos identificar no modo como há, no uso de ferramentas *live streaming*, valorização da primeira pessoa e do hiperlocal, conectando-se com o que os autores classificam como “o culto ao flagrante, o uso do ao vivo e a atualização frenética em sites de notícia [como] alguns dos artifícios

empregados para intensificar o presente” (p. 205).

Não podemos deixar de mencionar que a potencialidade da noção de Jornalismo *Live Streaming* também se reforça com o notório aumento da conectividade, não apenas do ponto de vista social, mas também infraestrutural, com o avanço da oferta de internet para além dos grandes centros urbanos, melhorias do serviço residencial e empresarial e das redes de telefonia móvel de quarta e, agora, quinta geração (4G e 5G). Feitas essas ponderações, avançamos no entendimento que pensar mobilidade, interatividade e instantaneidade intensiva de modo conjunto, nos aproxima da noção de Jornalismo *Live Streaming*.

Mobilidade. Central nos estudos de Silva (2007, 2008, 2015), a discussão sobre mobilidade nos parece consolidada. É evidente que tal característica significou uma “crescente reconfiguração dos processos jornalísticos na relação com a produção em campo em que a imediatez, aliada ao acesso remoto de dados para apuração, complexificam a cultura jornalística com a incorporação de novas rotinas” (SILVA, 2015, n.p.), culminando inclusive na noção de ubiquidade (PAVLIK, 2014). Mudanças na apuração em mobilidade por conta do uso de ferramentas *live streaming* foram observados nas práticas que analisamos em nossa pesquisa principal. Alguns repórteres reconhecem que fazem menos anotações ou gravações auxiliares por acreditar que o registro feito no Facebook Live pode, posteriormente, servir para a consolidação de seus textos, já que o arquivo do vídeo fica disponível na página do veículo – o que pode se comparar ao que Barnard (2016) identificou no uso de jornalistas no Twitter e classificou como “anotações públicas”. Uma série de investigações desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (Mobjor), da Universidade Estadual da Paraíba, apontam também que os usuários são fortes preditores do avanço do *live streaming* (a exemplo de SILVA; GUIMARÃES; SOBRINHO NETO, 2016, p. 146). Usuários esses inseridos no contexto de um ecossistema móvel e multiplataforma.

Interatividade. O caráter social que inicialmente debatemos parece materializar a interatividade, uma das características mais evidentes e propagandeadas das *lives*. Rost (2014) nos oferece embasamento teórico para pensar que as condições de interatividade são múltiplas, diversificando-se em tipos e gradações. Nossa defesa é que tal característica tem diferenciais no contexto das *lives* nas mídias sociais, através de um novo padrão de visibilidade da interação gerada pelos usuários. A chamada interatividade comunicativa (relacionada à produção dos usuários com base no consumo da mídia), não está mais relegada a um espaço externo ao conteúdo noticioso, ao lado ou abaixo dele, mas sobreposto, integrado – referimo-nos aos comentários e reações que aparecem sobre o vídeo na visualização mobile das lives gravadas na posição vertical – e cuja mediação está fora do controle do produtor do conteúdo no momento da transmissão ao vivo. Os usuários comentam sobre as *lives* em si ou seu conteúdo, opinam, dão informações sobre o local em que assistem, usam a visibilidade das

mídias para imprimir manifestações políticas, confrontam, avaliam e colaboram com os jornalistas, enviam perguntas e com esses e outros inputs podem, potencialmente, alterar o curso da transmissão.

Instantaneidade intensiva. Debatermos e trouxemos elementos ao longo do capítulo que reforçam a ideia do desaparecimento do *deadline*, com a drástica redução (ou o imbricamento) entre apuração, circulação e consumo. O uso de ferramentas *live streaming* gera o que um repórter que entrevistamos na pesquisa nomeou como “retorno ao vivo”, já exemplificado. Trata-se de uma comunicação dupla, que ao mesmo tempo em que entrega um ‘produto final’ aos usuários (a *live*), serve como fonte de informação para as redações desdobrarem em outros formatos (principalmente textual, para atualização dos sites). Tudo isso com *feedback* instantâneo dos consumidores, o que não é comum em outras produções jornalísticas – na tela em que transmite, o jornalista vê o que comentam sobre seu trabalho. É preciso refletir sobre como a redução de estágios entre apuração e consumo da notícia pode afetar os aspectos da sensibilidade profissional:

[...] as dificuldades de resposta ágil por parte desses profissionais, que passam a ter que lidar com um maior volume de informações, não apenas geradas pelo ambiente do fato narrado, mas também decorrentes das interações dos seus interlocutores, que ocorrem em ritmo cada vez menos espaçado. Tal aspecto reforça o elemento de complexificação na interação com fontes e receptores, previsto por Fausto Neto, e as necessidades de adaptação constante a ambientes cambiantes de produção e recepção de mensagens. (MOTA; PALACIOS, 2018, p. 11).

A instantaneidade intensiva é aquecida pelo fortalecimento da lógica todos-para-todos e se conecta com o alto grau de interatividade, medido pelo quão visível dentro da produção jornalística é a interação dos usuários. Dentro dessas condições, ao passo em que a informação é gerada e entregue aos usuários, estes podem se apresentar “dentro” deste conteúdo, podem compor esse conteúdo conforme ele é produzido e entregue em uma lógica que simula uma sincronia temporal entre os polos de produção e recepção. Revisitando Silva (2008) e entendendo que esses componentes descritos até aqui elevaram a um novo padrão a instantaneidade no jornalismo digital, podemos então tomar como enunciado do Jornalismo *Live Streaming*:

a prática do jornalismo que utiliza tecnologias *live streaming* para produções noticiosas baseadas na **instantaneidade intensiva**, cujos processos de produção, difusão e consumo são **síncronos** e com **alta visibilidade das interações dos usuários**, sendo potencialmente capaz de **integrar os receptores ao conteúdo como coprodutores** em tempo real ou atual (MOTA, 2019, p. 193, grifo do autor).

Embora abarque as principais considerações do texto seminal e a evolução do entendimento do fazer jornalístico na contemporaneidade, ainda consideramos que a proposição acima ainda é fortemente associada à realidade do objeto empírico que estudamos, as *lives* no Facebook, podendo ter uma aplicação fragilizada em outro objeto ou em futuras evoluções da tecnologia *live streaming* e de suas apropriações sociotécnicas pelo jornalismo. Ainda assim, acreditamos que ela cumpre a função de uma demarcação temporal e de condições de produção, circulação e consumo de notícias em que as ferramentas atuais de *live streaming* são empregadas.

Voltando para o artigo de Silva (2008), a luz dos Estudos do Jornalismo Digital (STEENSEN; WESTLUND, 2021), identificamos potencialidade de discutir, a partir da proposição, não apenas critérios de noticiabilidade, mas também da própria noção de notícia aplicada a esse contexto de produção. Também são oportunidade de aprofundamento a discussão sobre qualidade do jornalismo e o aspecto, aqui não anteriormente mencionado, da preocupação de Silva (2008) com a relação de tais tecnologias com os espaços urbanos.

Pensando na pesquisa e nos desafios metodológicos de entendimento dessas práticas, é importante ponderar as dificuldades de acompanhamento de fluxos comunicacionais tal complexo e por vezes efêmeros, bem como o risco de menosprezar um dos aspectos mais importantes de tal prática: a alta interação dos usuários, em detrimento de uma análise detida no produto (nesse caso, é mesmo possível de separar tais dimensões?). Nossa experiência também exige advertir atenção para o uso meramente transpositivo do recurso *live streaming*, como o de emissoras de TV que replicam nas mídias sociais o mesmo sinal televisivo ou até mesmo de emissoras de rádio que transmitem *lives* dos estúdios que mais se assemelham ao acesso de câmeras de segurança, sem qualquer atenção ao público. Não se pode reduzir o potencial do *live streaming* a tais usos.

Também inspira atenção redobrada o uso das APIs (Interface de programação de aplicações) das próprias plataformas para extração de metadados sobre as transmissões, sendo necessário entender as dimensões políticas e de governança desses recursos, bem como as implicações para a pesquisa dos dados que não são disponibilizados ou de possíveis enviesamentos do acesso a eles. Outro cuidado com a pesquisa de ferramentas *live streaming* inclui o entendimento do modo de distribuição do conteúdo, o que passa pela compreensão de aspectos algorítmicos e de uma rede de notificações (*push*). É preciso considerar que as *lives* têm consumo preponderantemente, porém não exclusivo, no mobile e que também podem ser vistas gravadas (VoD, da sigla em inglês para *video on demand*), posteriormente. Em ambos os casos, é preciso discutir possíveis alterações nas experiências.

Encorajamos fortemente a adaptação de ferramentas metodológicas antigas e novas para a análise das *lives* ou de outros recursos *live streaming*, uma vez que se trata de um fenômeno novo, ao mesmo tempo em que se conecta e traz consigo continuidade e potencializações de mídias anteriores.

Em nossa experiência, a adaptação da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2010) e os operadores de análise para transmissão direta na TV propostos pela professora Juliana Gutmann em sua tese (GUTMANN, 2014) foram importantes pontos de partidas para o desenho metodológico e compreensão do fenômeno da *live*, assim como foram interessantes a aplicação de análise documental e o suporte teórico-metodológico da SST (modelagem social da tecnologia) e das apropriações sociais das tecnologias, que ajudaram afastar premissas de um determinismo tecnológico em nossas análises.

LIVE STREAMING, ATUALIDADE E DIÁLOGO

Já tendo situado historicamente o nosso objeto e apresentado nossos entendimentos sobre seus contornos, pretendemos agora colocá-lo em diálogo com estudos similares, antes de apontar, na próxima e última seção, para as tendências e possibilidades de ampliação do seu escopo. Considerando que o live streaming no contexto das plataformas de mídias sociais próxima e última seção, para as tendências e possibilidades de ampliação do seu escopo. Considerando que o *live streaming* no contexto das plataformas de mídias sociais despontaram a partir de 2015, é importante ressaltar que estamos diante de um objeto de pesquisa recente, já com múltiplas entradas quando observado de modo interdisciplinar, mas ainda com bastante oportunidade de exploração no campo dos estudos de jornalismo.

De um modo geral, acreditamos que faz sentido situar nossa discussão no contexto de uma cultura do *streaming* (RUGG; BURROUGHS, 2016). Já pontualmente em relação ao jornalismo, o estudo do Jornalismo *Live Streaming* se situa como um dos elementos que podem colaborar para mudanças epistemológicas do chamado Jornalismo Móvel (SILVA, 2015; CANAVILHAS, 2021) e pode ser observado do ponto de vista da inovação e de aspectos organizacionais pelos Estudos de Jornalismo Digital (STEENSEN; WESTLUND, 2021). Acreditamos também que o que aqui descrevemos se posiciona como um bom exemplo do que Franciscato (2019) defende como uma reformulação da experiência da temporalidade jornalística a partir de novas mediações tecnológicas. Nesse sentido, o autor explica que tais mudanças mostram que:

[...] o jornalismo diminui sua força como instituição centralizadora e normatizadora de um tempo social, de uma identidade temporal uniformizadora e cede espaço a temporalidades múltiplas, construídas e vividas em diferentes experiências, seja nos eventos, no processo de produto ou nas formas de recepção, compartilhamento e ressignificação dos conteúdos. (FRANCISCATO, 2019, p. 144).

Live Streaming no contexto das mídias sociais exigem pensar sobre aspectos da cultura profissional e organizacional. Rugg e Burroughs (2016), por exemplo, vão destacar o modo como cresce a possibilidade dos jornalistas empregarem nessas transmissões as suas próprias marcas, ampliando, a partir disso, a conexão com seu público – acrescentaríamos, aqui, capital social – e, de algum modo, contornando a infraestrutura da indústria de mídia tradicional, driblando até mesmo as concessões públicas. Tal movimento, associa-se a um ambiente de trabalho pós-industrial apontado nas pesquisas de Apablaza-campos (2018) e Guimarães (2017). Por outro lado, ao pesquisar sobre a construção do acontecimento jornalístico nas *lives*, a dissertação de Medeiros (2018) revela condições precarizadas de produção em um cenário de jornalismo local, com relatos de profissionais que trabalharam por mais de doze horas em uma cobertura e que usam seus próprios equipamentos e planos de dados móveis para tornarem possíveis as transmissões ao vivo pelo Facebook Live.

Uma publicação recente que aborda de modo panorâmico as transmissões ao vivo nas redes sociais é *Social Media Livestreaming: Design for Disruption?* livro de Claudette Artwick (2019), pesquisadora e professora associada de Jornalismo e Comunicação de Massa da Washington and Lee University (EUA). Os numerosos exemplos de *lives* de eventos de grande repercussão, protestos de rua e de tragédias naturais ou humanas presentes na obra engradem os potenciais da prática do Jornalismo Live Streaming. A autora propõe pensar tais transmissões a partir das perspectivas de fluxos (*flows* e *streams* estão substituindo páginas e navegadores, tornando-se um tipo de arquitetura dominante e fazendo parte da narrativa cultural dos nossos tempos) e potencialização de conexões humanas. A autora assinala a alta interatividade das *lives* como virtude desse tipo de conteúdo, mas também adverte para o quão pesadas podem ser para os jornalistas, o que inclui frequentes comentários inapropriados.

Pensando principalmente sobre a lente das questões éticas do jornalismo e do chamado Conteúdo Gerado por Usuários, Cooper (2019), em artigo publicado na revista *Journalism*, identifica o *live streaming* como um símbolo dos principais desafios do jornalismo atual. Pesquisadora do jornalismo em contexto de tragédias, a autora sugere que a repercussão dada a transmissões geradas por usuários comuns da rede – que ela considera como “atos de jornalismo” – destaca a discussão dos limites em torno do que é ou o que faz o jornalismo profissional. A autora situa como a facilidade de acesso à transmissão e o modo como funções como o *live streaming* são altamente propagáveis são questões para refletir em meio a ondas de desinformação, o que mantém a responsabilidade do jornalismo em relação à reprodução de conteúdo e seu diferencial com o cumprimento dos seus rituais estratégicos e honra aos compromissos éticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos o Jornalismo *Live Streaming* como uma prática e uma definição operacional para pensar o jornalismo do presente. Mesmo tratando-se de um fenômeno novo, nosso esforço foi de historicizar tal tecnologia e fazer um cruzamento de seus aspectos técnicos com questões sociais de um modo geral e com aspectos da cultura jornalística em particular. O capítulo, embora se esforce em resumir uma das dimensões teóricas defendidas na dissertação, procurou externar preocupações metodológicas que eram da ordem dos bastidores da pesquisa principal e fazer relações com novos autores, além de demarcar o crescimento da popularidade das *lives* por conta do isolamento social exigido pela pandemia por Covid-19, o que potencializou os recursos que estavam começando a ser renegados até mesmo pelas plataformas.

Embora não tenhamos identificado apropriações novas no último ano ou usos inovadores das *lives* pelas redações, quanto a conteúdos propriamente jornalísticos, no contexto da pandemia, acreditamos que um maior letramento social para o consumo dessa tecnologia é uma oportunidade para as redações de investimento e diversificação de seus formatos, tão logo seja possível que os jornalistas estejam trabalhando sem as pressões e sobrecargas adicionais da atual crise política e de saúde. O cenário do último ano, no entanto, parece desafiar os jornalistas com uma maior concorrência quando o assunto é *lives* no formato entrevista. Isso também nos ajuda a lembrar que o jornalismo é um dos diferentes agentes apropriadores dos recursos *live streaming*, o que exige reflexões sobre a autoridade do campo frente a um nivelamento perante outros agentes sociais que é, reduzindo aqui as preocupações, prioritariamente técnico.

Como exercício de pensar o futuro das apropriações jornalísticas do *live streaming*, recorreremos a dois cenários reais e ilustrativos:

FIGURAS 1 E 2: REPÓRTER (DIR.) FAZ ENTRADA AO VIVO NA TV ATRAVÉS DE SUA CONTA PESSOAL NO INSTAGRAM; TELA DO TWITTER DURANTE UMA TRANSMISSÃO NO RECURSO SPACE. FONTES: REPRODUÇÃO TV ARATU E TWITTER.



Cena 1) Usando sua conta profissional no Instagram, uma repórter de TV faz uma *live* que é transmitida simultaneamente para os seus seguidores da rede social e funciona como um flash no programa televisivo também ao vivo. Os comentários e as reações dos seguidores aparecem em ambas as telas, no celular e na TV. O caso ocorreu em um noticiário popular da TV Aratu (Bahia).

Cena 2) O áudio é a mídia do momento. Aproveitando do frenesi por conta do aplicativo Clubhouse, o Twitter lança ferramenta similar, o *Space/Espaço* (trata-se de uma sala de áudio ou poderíamos dizer uma *live* de áudio). Já no primeiro mês, o recurso foi usado por um grupo de jornalistas para comentar os bastidores de uma série especial, pela Abraji para uma campanha de apoio ao jornalismo local do próprio Twitter e por jornalistas para entrevistar especialistas. É possível tuitar e rolar a *timeline* enquanto se ouve o áudio e o uso de *hashtags* são frequentes para gerar uma conversação entorno da transmissão.



Essas cenas traduzem o futuro da tecnologia *live streaming*? Obviamente, é difícil de saber, principalmente pela incipiência e pouca representatividade desses acontecimentos. Mas nos ajudam a entender que a cultura do *streaming* tem se fortalecido e seguirá como um modo de comunicação para o qual novas práticas confluem, bem como os ambientes de plataformas parecem deter uma arquitetura consolidada para o desenvolvimento dessas experiências. Como na Cena 1, o ambiente midiático parece tender para uma maior complexificação de fluxos; como na Cena 2, os jornalistas parecem estimulados a experimentações do que há de mais novo para distribuir suas produções, de modo cada vez mais personalístico. O que parece se impor para o jornalismo no momento é como atuar como um agente diferencial no uso dessas ferramentas, o que acreditamos que pode se dar pela ampliação da cobertura *hard news*, explorando aquilo que o campo tem de maior autoridade, que é narrar o tempo presente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L.; BARSOTTI, A. **O jornalismo e os dilemas da contemporaneidade: o eu, o aqui e o agora.** *Mídia e Cotidiano*, v. 10, n. 10, p. 192, dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9802>. Acesso em: 15 mar. 2018.

APABLAZA-CAMPOS, A. Social media livestreaming (SMLS) in the digital news media. **Comunicació: revista de recerca i d'anàlisi**, v. 35, p. 103-123, 2018. Disponível em: <https://publicacions.iec.cat/repository/pdf/00000265/00000013.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ARTWICK, C. G. **Social Media Livestreaming: Design for Disruption?**. 1a ed. New York: Routledge, 2019.

BARNARD, S. R. 'Tweet or be sacked': Twitter and the new elements of journalistic practice. **Journalism**, v. 17, n. 2, p. 190-207, 9 fev. 2016. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884914553079>. Acesso em: 30 jan. 2019.

BECKER, B.; MACHADO, M. Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013. **Discursos fotográficos**, v. 10, n. 17, p. 39-60, 2014. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/templatecompós2014valendobecker_2231.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRADSHAW, P. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, J. (Ed.). **Webjornalismo: 7 Características que Marcam Diferença**. Covilhã: Labcom, 2014. 7, p. 111-136.

CANAVILHAS, J. Epistemology of mobile journalism. A review. **El profesional de la información**, v. 30, n. 1, p. 1699-2407, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2021.ene.03>http://www.profesionaldelainformacion.com/contenidos/2021/ene/canavilhas_es.pdf. Acesso em: 8 fev. 2021.

COOPER, G. Why livestreaming symbolises journalism's current challenges. **Journalism**, v. 20, n. 1, p. 167-172, 19 jan. 2019. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884918806753>. Acesso em: 26 dez. 2018.

D'ANDRÉA, C. Conexões intermediáticas entre transmissões audiovisuais ao vivo e redes sociais online: possibilidades e tensionamentos. *Revista Comunicação Midiática*, v. 10, n. 2, p. 61-75, 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/143> . Acesso em: 15 mar. 2018.

D'ANDRÉA, C. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. 1. ed. Salvador: Edufba, 2020.

EDELMAN, M. From Meerkat to Periscope: Does intellectual property law prohibit the live streaming of commercial sporting events. *Colum. JL & Arts*, v. 39, p. 469-495, 2016.

FECHINE, Y. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FRANCISCATO, C. E. Tecnologias digitais e temporalidades múltiplas no ecos-sistema jornalístico. *Revista Contracampo*, v. 38, n. 2, 31 ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v38i2.27115> . Acesso em: 19 jul. 2020.

GROTH, O. A atualidade. In: **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. 1. ed. [s.l: s.n.]p. 223-262.

GUIMARÃES, E. M. A cobertura jornalística das Olimpíadas 2016: **apropriações do Facebook Live pelo SporTV**. 2017. Orientador: Fernando Firmino da Silva, 2017. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/9584>. Acesso em: 16 jul. 2018.

GUTMANN, J. F. **Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais**. Salvador: EDUFBA, 2014.

KHARIF, O. Live Mobile Video: Meerkat, Periscope Are New Players in Old Game -. **Bloomberg Business Week**, abr. 2015. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2015-04-16/live-mobile-video-meerkat-periscope-are-new-players-in-old-game>. Acesso em: 17 out. 2018.

MEDEIROS, K. B. de. **Análise da cobertura jornalística em redes sociais digitais: o acontecimento rebelião em Alcaçuz veiculado nas lives do Facebook.** 2018. Orientador: Juciano Souza Lacerda, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6366130. Acesso em: 8 ago. 2018.

MONTERDE, A.; POSTILL, J. Mobile ensembles: The uses of mobile phones for social protest by Spain's indignados. In: GOGGIN, G.; HJORTH, L. (Ed.). *Routledge Companion to Mobile Media*, New York, **Routledge. Routledge ed.** Nova York: Routledge companion to mobile media, 2013. p. 429-438.

MOTA, A. Da TV ao Facebook Live: marcas televisivas das transmissões diretas nas redes sociais online. In: 16a Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Sbpjor), São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2018. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1382/721>. Acesso em: 2 fev. 2019.

MOTA, A. **Jornalismo Live Streaming: Um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no Facebook.** 2019. Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/JLSMOTA2019>. Acesso em: 13 maio 2020.

MOTA, A.; PALACIOS, M. Facebook Live, sensibilidade e competência jornalística: uma narrativa atravessada por likes e mudanças na cultura profissional. In: IV Congresso Internacional sobre Culturas, Cachoeira (BA). **Anais...** Cachoeira (BA): 2018. Disponível em: https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/Mota_-_Palacios.pdf. Acesso em: 2 fev. 2019.

MOTTA, L. G. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Ed.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. p. 143–167.

ORLOVA, D. EuroMaidan: Mediated Protests, Rituals and Nation-in-the-Making. In: MITU, B.; POULAKIDAKOS, S. (Ed.). **Media Events: A Critical Contemporary Approach**. 1. ed. [s.l.] Palgrave Macmillan UK, 2016. p. 207–229.

PAVLIK, J. **Ubiquidade: o 7o pincípio do jornalismo na era digital.** Covilhã: LabCom, 2014. v. 7.

REIN, K.; VENTURINI, T. Ploughing digital landscapes: How Facebook influences the evolution of live video streaming. *New Media & Society*, v. 20, n. 9, p. 3359–3380, 6 set. 2018. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444817748954> . Acesso em: 11 set. 2018.

ROST, A. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, J. (Ed.). **Webjornalismo: 7 Características que Marcam Diferença**. Covilhã: Labcom, 2014. 7p. 53-88.

RUGG, A.; BURROUGHS, B. Periscope, live-streaming and mobile video culture. In: LOBATO, R.; MEESE, J. (Ed.). **Geoblocking and global video culture**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2016. p. 64-72.

SAVETZ, K.; RANDALL, N.; LEPAGE, Y. MBONE Events. In: SAVETZ, K.; RANDALL, N.; LEPAGE, Y. (Ed.). **MBONE: Multicasting Tomorrow's Internet**. [s.l.] John Wiley & Sons Inc, 1998.

SILVA, F. F. da. Tecnologias móveis na produção jornalística: do circuito alternativo ao mainstream. In: V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Aracaju. **Anais...** Aracaju: 2007.

SILVA, F. F. da. Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, UESP (Universidade Metodista de São Paulo), São Bernardo do Campo. **Anais...** São Bernardo do Campo: 2008. Disponível em: <https://slidex.tips/download/jornalismo-live-streaming-tempo-real-mobilidade-e-espao-urbano>. Acesso em: 9 out. 2016.

SILVA, F. F. da. **Jornalismo Móvel**. Coleção Ci ed. Salvador: Edufba, 2015.

SILVA, F. F. da; GUIMARÃES, E. M.; SOBRINHO NETO, J. C. Ao Vivo no #Periscope: A Experiência da ESPN Brasil com Live Streaming Via Mobile. **Ancora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 3, n. 2, p. 141–161, set. 2016. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/1979-ancora/v03n02/20282-ao-vivo-no-periscope-a-experiencia-da-espn-brasil-com-live-streaming-via-mobile.html>. Acesso em: 14 maio 2017.

STEENSEN, S.; WESTLUND, O. **What is Digital Journalism Studies?**. 1. ed. Londres: Routledge, 2021.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WAAL, M. de. **The Platform Society: Public Values in a Connective World.** 1a ed. New York: Oxford University Press, 2018.



Editora



SBP
Jor